

Impactos etnossintáticos nos dados de Mehinaku (Arawak): perspectivas entre antropologia, linguística e iconografia

Gabriel Diniz Gruber

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6487-4223>

ABSTRACT: This article initially proposes to preliminarily investigate the origin and some of the consequences of the application of the ethnosyntax to the linguistic data of Mehinaku language. Starting from the work of Whorf (1979) on Nootka language, the formulation of the principle of linguistic relativity, the revisionism of his literature by anthropologist Schultz (1990), its importance for the implementation of ethnosyntax, and its use in the study of Brazilian indigenous languages. In another stage, we seek to understand how such an ethnographic understanding of grammar would affect some of the data already analyzed from the Mehinaku language, from the Arawak matrix. After a brief overview of the context of the Arawakan languages, and the anthropological scenario of the Alto Xingu region, a dialogism of linguistic data from Awetí (2014), Corbera Mori (2017) and Felipe (2020) is proposed, with anthropological records and iconography of Mehinaku material culture coming from Gregor (1982), Malhano (1993) and Fénelon Costa (1988, 2014). Therefore, it addresses how ethnosyntax would affect the understanding of: nominal classifier suffixes, the semantic field of the term *tipa/tipe*, and the human and non-human body lexicon related to traditional Altoxinguan housing.

KEYWORDS: Ethnosyntax; Linguistic Anthropology; Mehinaku; Upper Xingu; Arawak

RESUMO: O presente artigo propõe inicialmente investigar de modo preliminar a origem e alguns dos desdobramentos da aplicação da etnossintaxe para os dados linguísticos da língua mehinaku. Partindo desde o trabalho de Whorf (1979) sobre a língua nootka, a formulação do princípio da relatividade linguística, a análise de sua literatura pela antropóloga Schultz (1990), sua importância para a implementação da etnossintaxe, e o uso desta no estudo de línguas indígenas brasileiras. Em uma outra etapa, busca-se entender como tal compreensão etnográfica da gramática afetaria alguns dos dados já analisados da língua mehinaku, da matriz Arawak. Após um breve panorama do contexto das línguas Arawak e do cenário antropológico da região do Alto Xingu, é proposto um dialogismo de dados linguísticos de Awetí (2014), Corbera Mori (2017) e Felipe (2020), com registros antropológicos e iconográficos da cultura material mehinaku advindos de Gregor (1982), Malhano (1993) e Fénelon Costa (1988, 2014). Aborda-se, portanto, como a etnossintaxe afetaria a compreensão sobre: sufixos classificadores nominais, o campo semântico do termo *tipa/tipe* e o léxico corporal humano e não-humano relacionado à moradia tradicional altoxinguana.

PALAVRAS-CHAVE: Etnossintaxe; Antropologia linguística; Mehinaku; Alto Xingu; Arawak

Introdução

Qual a real implicação do imperativo etnográfico ao produzir linguística? Sabendo que a etnossintaxe se propõe a levar em conta a culturalidade implícita e explícita de todos os agentes e objetos em seu fazer científico, indaga-se: qual é o impacto epistemológico da etnossintaxe para os dados de Mehinaku?

Na seção 1, disserto sobre uma base filosófica da etnossintaxe, os aportes de Whorf (1979) e as consequências desse importante material sobre o papel da linguagem na compreensão e experiência da realidade a partir das línguas indígenas norte-americanas. Avançando, apresento uma análise da antropóloga Schultz (1990) sobre a produção de Whorf, assim como outras e outros linguistas se propuseram a revisar e avançar os postulados da relatividade linguística.

Na seção 2, é apresentado um breve panorama sobre os deslocamentos e expansões da matriz Arawak, contexto linguística da língua mehinaku. Em seguida, são estendidas

discussões a respeito do contexto imediato do Alto Xingu, desde a disposição dos povos, princípios mitológicos e projeções “metafísicas”.

Na seção 3, o primeiro desdobramento nos dados de mehinaku se dá na discussão a respeito da categoria dos sufixos classificadores nominais, tendo nesta modalidade um potencial naturalmente etnográfico ao perceber os recortes específicos da realidade.

Na seção 4, o segundo desdobramento trabalhado diz respeito às percepções semânticas que o termo e morfema *tipa/tipe* podem alcançar em seu espectro. Ao notar que há uma divergência de uma descrição linguística em um material antropológico de Gregor (1982), em comparação com a literatura linguística sobre mehinaku, será investigado caminhos de convergência entre os dados.

Na seção 5, são analisadas as relações da intersecção lexical a respeito da anatomia humana e da arquitetura da moradia altoxinguana e quais são as possíveis consequências para a análise dos dados linguísticos a esse respeito.

1. Parâmetros, princípio e desdobramentos da Etnossintaxe

Sapir (1958: 69 n.t.¹) postulou que: “Os seres humanos não vivem apenas no mundo objetivo, nem sozinhos no mundo da atividade social, como normalmente entendidos, mas estão muito à mercê do idioma específico que se tornou o meio de expressão para sua sociedade”. Whorf (1979), aluno de Sapir, influenciado por suas ideias e tendo uma experiência em contato, descrição e análise de línguas indígenas norte-americanas (línguas maias, *shawnee*, *hopi* e outras), começa então a propor o que foi denominado de “o princípio da relatividade linguística”.

Em seus estudos, Whorf (1979), ainda na década de 30, já propunha diversas discussões que hoje temos postulado: o poder inerentemente epistêmico que as línguas têm (Whorf 1940a, 1936a), as implicações das compreensões linguística para o que é tido como “lógico” (Whorf 1939, 1940b, 1941a), aspectos ontológicos das diferentes línguas (1936b, 1938, 1941b), e outras mais.

Segundo Schultz (1990), a polêmica que mais caracterizou Whorf em décadas posteriores foi sua perspectiva sobre a inexistência do tempo enquanto um conceito na gramática *hopi*. Os desdobramentos de tal proposta acabavam por mutilar a pressuposição universal cartesiana e kantiana da metafísica clássica, o que foi tido como inconcebível. Porém, Schultz (1990) afirma conjuntamente que ainda mais provocativo que isso na obra de Whorf foi inserir ao longo de suas publicações de pesquisas, por meio de uma “poética” acadêmica, “personagens polifônicos” em uma prosa contínua. Na constante dinâmica entre estes, a prosa paródica, e até cômica, segue concomitante ao rigor metodológico de suas análises onde a reverência e o ridículo para a ciência, os cientistas e até a si mesmo são simultâneas (Schultz 1990: 60-62).

Para Schultz (1990), em primeira instância, Whorf apresentaria um relato que cumprisse com todos os requisitos adequados a seus leitores positivistas, para assim criar para eles um respaldo de confiança de um relato científico aceitável a seus moldes, porém é dado a eles também uma imagem monológica, determinista e reducionista para zombarem, mostrando como sua própria linguagem limitava, moldava e aprisionava as possibilidades de seu pensamento enquanto se entendia como superior (Schultz 1990).

Todavia, em uma segunda etapa, dois movimentos acontecem. O primeiro de demonstrar que a quem zombavam é apenas um reflexo de si mesmos, os leitores cientistas, e

¹ Human beings do not live in the objective world alone, nor alone in the world of social activity as ordinarily understood, but are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society.

sua própria arrogância. E em um segundo movimento, é apresentada uma contra-imagem feita a base de línguas indígenas, tidas e declaradas como “primitivas” pelos próprios leitores, que quebra os moldes limitantes e expandem uma potencialidade só delas.

E como ponto final, a imagem do autor, isso é Whorf (1979), que esteve longe dos dois pólos, é trabalhada, como uma ponte entre essas duas realidades distintas acessando as duas em diálogo (Schultz 1990: 63). Whorf (1979) tenta explicar que: “os observadores não são conduzidos pela mesma evidência física à mesma imagem do universo, a menos que seus planos de fundo linguísticos sejam semelhantes ou possam, de alguma forma, ser calibrada” (1979: 214, n.t.²). Assim: “uma mudança na língua(gem) pode transformar nossa apreciação do cosmos” (Whorf 1979: 263 n.t.³).

Esse movimento de insurgência acadêmica na linguística teve um papel singular para apontar o racismo epistêmico sustentado pela ciência do Norte Global.

Toda linguagem e toda sublinguagem técnica bem articulada incorpora certos pontos de vista e certas resistências padronizadas a pontos de vista amplamente divergentes. Isto é especialmente verdade se a linguagem não é examinada como um fenômeno planetário, mas é, como sempre, tida como certa, e as espécies locais e paroquiais dela usadas pelo pensador individual são consideradas sua soma total. Essas resistências não apenas isolam artificialmente as ciências particulares umas das outras; eles também impedem o espírito científico como um todo de dar o próximo grande passo no desenvolvimento - um passo que implica pontos de vista sem precedentes na ciência e uma separação completa das tradições. Pois certos padrões linguísticos enrijecidos na dialética das ciências - muitas vezes também embutidos na matriz da cultura europeia da qual essas ciências surgiram, e por muito tempo veneradas como pura Razão per se - foram trabalhados até a morte. Mesmo a ciência sente que eles estão de alguma forma fora de foco para observar o que podem ser aspectos muito significativos da realidade, sobre a devida observação de que todo o progresso na compreensão do universo pode depender. (Whorf 1979: 247 n.t.⁴)

Para Whorf (1979), antes de tomar nosso objeto de estudo, precisamos de questionamentos densos, como: “o quão parcial são nossas ferramentas?” e “seria este objeto realmente um objeto?”

Na descrição e análise que realizava em um de seus trabalhos sobre a língua *nootka*, ele relata a impossibilidade de honestidade linguística caso seja tomado o recorte *sujeito/predicado* no ato de fala, já que segundo ele essa divisão seria antinatural, pois a sentença trataria de um evento ou um complexo-de-evento (evento do evento).

Whorf (1979) afirmou que a técnica da linguagem inglesa se baseia na contrastividade de coisas (substantivos) e suas determinadas ações/estados (verbos), porém essa natureza ontológica não é universal se não um produto/produtor de uma ideologia localizada que dissocia “sujeito de predicado, ator e ação, coisas e relações entre as coisas, objetos e seus

² We are thus introduced to a new principle of relativity, which holds that all observers are not led by the same physical evidence to the same picture of the universe, unless their linguistic backgrounds are similar or can in some way be calibrated.”

³ A change in language can transform our appreciation of the Cosmos

⁴ Every Language and every well-knit technical sublanguage incorporate certain points of view and certain patterned resistances to widely divergent points of view. This is especially so if language is not surveyed as a planetary phenomenon, but is as usual taken for granted, and the local, parochial species of it used by individual thinkers is taken to be its full sum. These resistances not only isolate artificially the particular sciences from each other; they also restrain the scientific spirit as a whole from taking the next great step in development—a step which entails viewpoints unprecedented in science and a complete severance from traditions. For certain linguistic patterns rigidified in the dialectics of the sciences—often also embedded in the matrix of European culture from which those sciences have sprung, and long worshiped as pure Reason per se—have been worked to death. Even science senses that they are somehow out of focus for observing what may be very significant aspects of reality, upon the due observation of which all further progress in understanding the universe may hinge.

atributos, quantidades e operações” (Whorf 1979: 241 n.t.⁵). Ele explica que, em línguas como *nootka* e *shawnee*, haveria um caráter muito mais próximo das relações químicas, enquanto as línguas indo-europeias teriam um *modus operandi* relacionado com a função mecânica, no acionamento de peças, trazendo à “lógica” *nootka* um caráter que nos faltaria aparatos de entendimento por se tratar de elementos não previstos em nosso léxico metalinguístico (Whorf 1979: 236, 237). “As línguas diferem não apenas em como constroem suas frases, mas também em como decompõem a natureza para garantir os elementos para colocar nessas frases. Esta divisão dá unidades do léxico” (Whorf 1979: 240 n.t.⁶).

Whorf (1979) não se propõe a trazer métodos ou soluções às distâncias discutidas, mas ele denuncia a necessidade de ver a profundidade da etnografia para além dos arredores da linguística antropológica, a fim de alcançar o rígido e intransitivo espaço da linguística teórica. Para isso, o estabelecimento do princípio da relatividade linguística se projeta enquanto um ponto de partida para se repensar as relações morfossintáticas, semânticas e fonológicas em descrições e análise de línguas que questionam o cerne elitista da natureza da ciência linguística.

No artigo *Pre-establish categories don't exist: consequences for language description and typology*, Haspelmath (2007) escreve:

Em vez de encaixar os fenômenos observados no molde das categorias atualmente populares, o trabalho do linguista é descrever os fenômenos com o máximo de detalhes possível. Uma consequência da inexistência de categorias pré-estabelecidas para a tipologia é que a comparação não pode ser baseada em categorias, mas deve ser baseada em substância, pois a substância (ao contrário das categorias) é universal. (Haspelmath 2007: 119 n.t.⁷)

Isso é, propor que a língua deva ter categorias gramaticais dadas de sua língua para ser validada enquanto língua é altamente problemático.

Se faz necessário transcender a percepção reducionista que associa diferentes métricas e formas de medição sobre um plano único a diferentes formas de “gramaticalização” na descrição. Partir de *a priori* universalizados a começar de realidades linguísticas do Norte Global, de tradição altamente influenciada pelo cartesianismo da morfossintaxe, precisa ser problematizado.

Enfield (2002) discorre sobre a certeza da projeção cultural dos gramáticos sobre as línguas descritas, tal fato pela resistente percepção da linguagem enquanto um método de expressão acima de seu poder ontoepistemológico de organização e experiência sobre a(s) realidade(s) (Whorf 1979; Mignolo 2003; Heidegger 2003).

Segundo Dick (2003), a etnolinguística parte da “necessidade de se entender as variantes e as invariantes sociais, bem como os níveis de linguagem que modelam os pensamentos e o modo de ser e de viver da população em análise” (Dick 2003: 182). Entretanto, a etnolinguística ainda carecia de uma forma etnográfica de lidar com o registro dos dados, e não somente sua análise.

Para Enfield (2002), os trabalhos de Wierzbicka (1979, 1997) e Hale (1966, 1986) podem ser oficializados como o princípio da etnossintaxe, também denominada de semântica da gramática. Propondo-se a ser a “perspectiva teórica que aborda o estudo dos fenômenos

⁵ subject and predicate, actor and action, things and relations between things, objects and their attributes, quantities and operations.

⁶ Languages differ not only in how they build their sentences but also in how they break down nature to secure the elements to put in those sentences. This breakdown gives units of the lexicon.

⁷ Instead of fitting observed phenomena into the mold of currently popular categories, the linguist's job is to describe the phenomena in as much detail as possible. A consequence of the non-existence of pre-established categories for typology is that comparison cannot be category-based, but must be substance-based, because substance (unlike categories) is universal (Haspelmath 2007: 119)

linguísticos intrinsecamente articulados aos aspectos das diversas sociedades”, que “revisita aos postulados de Sapir e Whorf”, afirmando uma interdependência dialética entre o saber etnográfico e o preparo linguístico (Paula 2014: 107).

Seguindo o caminho da etnossintaxe, acredita-se que “de forma rigorosa e verificável (...), toda linguagem incorpora em sua própria estrutura uma certa visão de mundo, uma certa filosofia” (Wierzbicka 1979: 313 n.t.⁸). Wierzbicka também explica que: “como uma vez que as construções sintáticas de uma língua incorporam e codificam certos significados e modos de pensar específicos da língua, a sintaxe de uma língua deve determinar em grande medida o perfil cognitivo dessa língua.” (Wierzbicka 1979: 313, n.t.⁹). Outros linguistas que se dedicaram a revisar os parâmetros da relatividade linguística, Levinson e Gumperz (1996: 4), reafirmam que “as diferenças interpretativas estão enraizadas tanto nos usos das línguas como em sua estrutura”.

Tais desdobramentos causaram um importante impacto nos estudos de línguas indígenas brasileiras e aqui menciono apenas três trabalhos: o livro *A língua apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnossintaxe* de Paula (2014), com uma das descrições mais pormenorizadas do processo de análise; o artigo *Os xerente akwén, os animais e as plantas: uma revisita aos inalienáveis com a semântica da gramática*, de Braggio (2011), que analisa as relações de inerência intrínseca gramaticalmente marcada em diversas descrições; a dissertação *Uma floresta de universos além: a decolonialidade e a etnossintaxe como dever para com as línguas indígenas* (Gruber 2023), a qual as próximas etapas se baseiam.

2. Matriz Arawak e o contexto ético/estético Altoxinguano

A família linguística Arawak está entre uma das famílias mais amplas em proporções geográficas (Galvão; Simões 1965; Aikhenvald 1999; Eriksen; Danielsen 2014; Miranda 2023), o que torna surpreendente ter uma distância tipológica de somente 7% (Eriksen; Danielsen 2014: 153). Para Aikhenvald (1999), há presença linguística da matriz Arawak em Belize, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Suriname (todos estes na América Central), além da Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Venezuela (na América do Sul).

A ferida mais antiga, não cicatrizada, da invasão de Colombo está com os Taino, povo arawak cuja população se expandia por Cuba, Hispaniola, Porto Rico e Jamaica (Payne 1991: 361). Ainda assim, ao analisar as movimentações diaspóricas do registro Arawak a partir do Norte, nota-se que esta não ocorreu nem de forma unidirecional, nem foi em um único momento (Eriksen; Danielsen 2014: 173). O que corrobora com os dados de Aikhenvald (2012) a respeito do fato de que a migração caribenha às Antilhas já estava em andamento há mais de 100 anos antes da invasão europeia.

Partindo de dados muito recentes já se nota uma diminuição severa quando Mason (1950) pontuava 122 línguas, até Aikhenvald (2018) que listava unicamente 40 línguas vivas. Tendo poucas variações para mais e para menos deste último número.

O maior grau de incidência de línguas Arawak está na região do Rio Negro e Orinoco (de lá parece ter sido o núcleo da migração para a região central do Peru) e nas proximidades dos rios Purus e Madeira, além da região do Xingu (Aikhenvald 2012). Galvão e Simões (1965), Aikhenvald (2012) e Danielsen (2011) apontam que o grupo Arawak é o maior ancestral dos grupos do Xingu, pois os kustenau (hoje extintos), wauja, mehinaku e yawalapiti

⁸ in a rigorous and verifiable way (...), every language embodies in its very structure a certain world view, a certain philosophy

⁹ Since the syntactic constructions of a language embody and codify certain language-specific meanings and ways of thinking, the syntax of a language must determine to a considerable extent this language's cognitive profile

(desde que se é memorado pelos outros povos) estavam lá. Vale-se notar também que o grupo Paresi-Xingu de línguas Arawak, mesmo geneticamente estando ligadas às línguas Sul-Arawak vizinhas, possuem fortes características das línguas Norte-Arawak (Galvão; Simões 1965; Granberry; Vesceius 2004; Ericksen; Danielsen 2014). Para melhor exemplificação segue a Tabela 1 das divisões dos grupos internos da família Arawak.

Tabela 1. (Fonte: Danielsen; Dunn; Muysken 2011: 178)

Arawakan			
North Arawakan	Caribbean / Extreme North	Island Carib, Garífuna	
		TA-Arawak	Lokono, Guajiro, Paraujano
	Palikur	Palikur, Marawan, Aruán	
	Río Branco	Wapishana, Mawayana	
	North Amazonian	Orinoco	Bare, Baniva, Yavitero, Mandahuaka, Yabana
		Middle Río Negro	Cawishana, Manao, Bahwana
		Upper Río Negro	Kurripako, Tariana, Warekena
Columbian	Resígaro, Yucuna, Achagua, Piapoco, Cabiari, Maipure		
South and South-Western Arawakan	South-Western Arawakan	A-P-I	Piro, Apurinã, Iñapari
	Paresi-Xingú	Paresi-Saraveka	Paresí, Saraveka
		Xingú	Waurá, Mehináku, Yawalapiti, Kustenau
	South Arawakan	Terêna, Kinikinau, Chané, Apolista, Bauré, Trinitario, Ignaciano, Paunaca, Paiconeca, Ewanewê-nawê	
	Campa	Asháninka, Ashéninka, Caquinte, Machiguenga, Nomatsiguenga	
	Chamicuro		
	Amuesha		

A Tabela acima foi produzida por Danielsen; Dunn e Muysken (2011) seguindo os dados de Aikhenvald (1999, 2002). Os mesmos autores, para fins de melhor representação das relações de proximidade e distanciamento dos grupos internos e registrar os encontros e divergências de cada trecho da expansão Arawak, assim como seus núcleos de parentesco, geraram a Figura 1:

The Spread of the Arawakan Languages

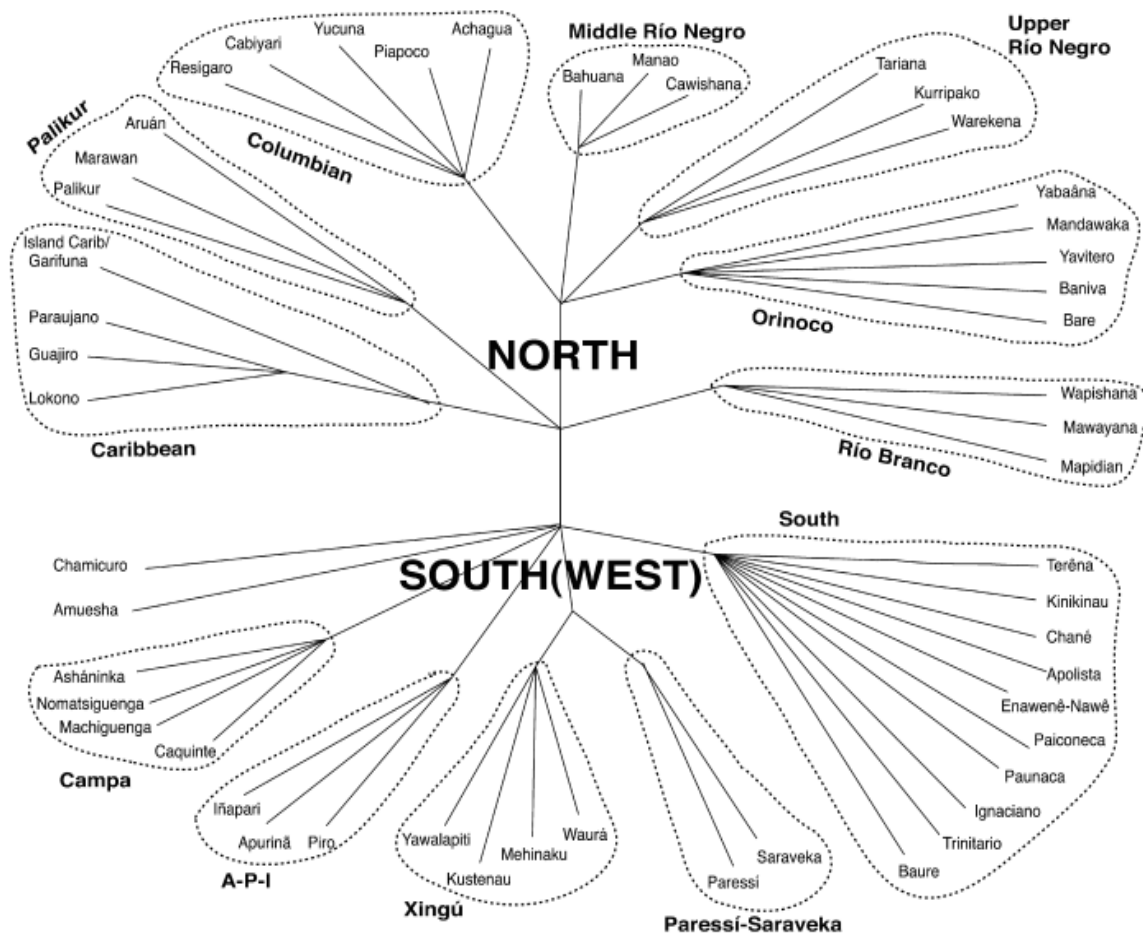


Figura 1. (Fonte: Danielsen; Dunn; Muysken 2011: 179)

Todavia, comentando uma característica dessa formação, foi escrito:

A matriz Arawak] caracteriza-se por uma uniformidade surpreendentemente robusta em seus estágios iniciais, mas depois passou por interações complexas com sistemas vizinhos. A expansão da matriz arawak caracterizou-se por uma rede de contato e troca manifestada em um sistema de intercâmbio regional que disseminou a cultura material e as línguas da matriz aos grupos vizinhos, mas também absorveu traços linguísticos e culturais – contribuindo assim para constantes renegociações e renovação do sistema. (Eriksen; Danielsen 2014: 176 n.t.¹⁰)

Partir do dado que a presença xingwana da família Arawak não se deu pelo caos reativo da invasão, também significa que suas mesclas interculturais puderam se dar de forma orgânica entre as outras famílias linguísticas (Karib, Macro-Jê, Pano, Tupi), concomitantemente das mestiçagens de suas cosmologias intrínsecas de seu sistema de significação da realidade.

Uma exaustiva obra compondo tipologias culturais e linguísticas do Alto Xingu foi produzida por Malhano (1993). Em *Poética Alto-xinguana: a metáfora do abrigo, uma etnografia da casa*, as constantes intersecções etnográficas de suas cosmovisões remontam a percepção ecológica de suas moradias. Nisso é tido como que a coletividade altoxinguana

¹⁰ It is characterized by a surprisingly robust uniformity in its earlier stages, but then in its aftermath, it underwent complex interactions with neighboring systems. The expansion of the Arawakan matrix was characterized by a network of contact and exchange manifested in a regional exchange system that spread the material culture and languages of the matrix to neighboring groups, but also absorbed linguistic and cultural traits – thereby contributing to constant renegotiations and renewal of the system.

“arranja ou ordena a distribuição de objetos e eventos e coisas no contínuo espaço-tempo; e de que maneira recupera, que códigos utiliza para resgatá-los a cada necessidade de reproduzi-los ou exibi-los” (Malhano 1993: 12):

Observamos que, a característica mais referenciada da apropriação do espaço pelos grupos indígenas alto-xinguanos é a sensibilidade ecológica de que está revestido. A constante mudança dos campos de cultura agrícola, de caça e de pesca, sugere— nos cuidados com a necessidade de não exaurir o solo e a fauna em redor. Isso também explica o deslocamento das aldeias e, conseqüentemente, dos grupos locais. Estudos de Etnobiologia demonstraram que a preservação do ecossistema amazônico principalmente de terra-firme, por parte das populações indígenas, pré-colombianas e atuais, se explica por sua ampla distribuição em um dado território. Explica, ainda, a leveza da cultura material indígena e a precariedade estrutural da casa, feita de materiais vegetais, facilmente encontráveis. (Malhano 1993: 17)

Malhano (1993) como base em Boas reitera que o processo de significação social trilha a estrada disposta de sua língua que recorta uma direção específica da natureza. “As categorias e os tipos isolados de fenômenos, tais como espacialidade, temporalidade, historicidade, não existem na natureza”. Para o autor, é através de nosso sistema linguístico que há uma organização do cosmos que “nos é apresentado como se fosse uma sucessão de imagens e impressões” (Malhano 1993: 35). Assim, trabalha tipologias lexicais e morfossintáticas em yawalapiti, kamayurá e kuikuro em busca de intersecções semânticas reiterando seus dados etnográficos.

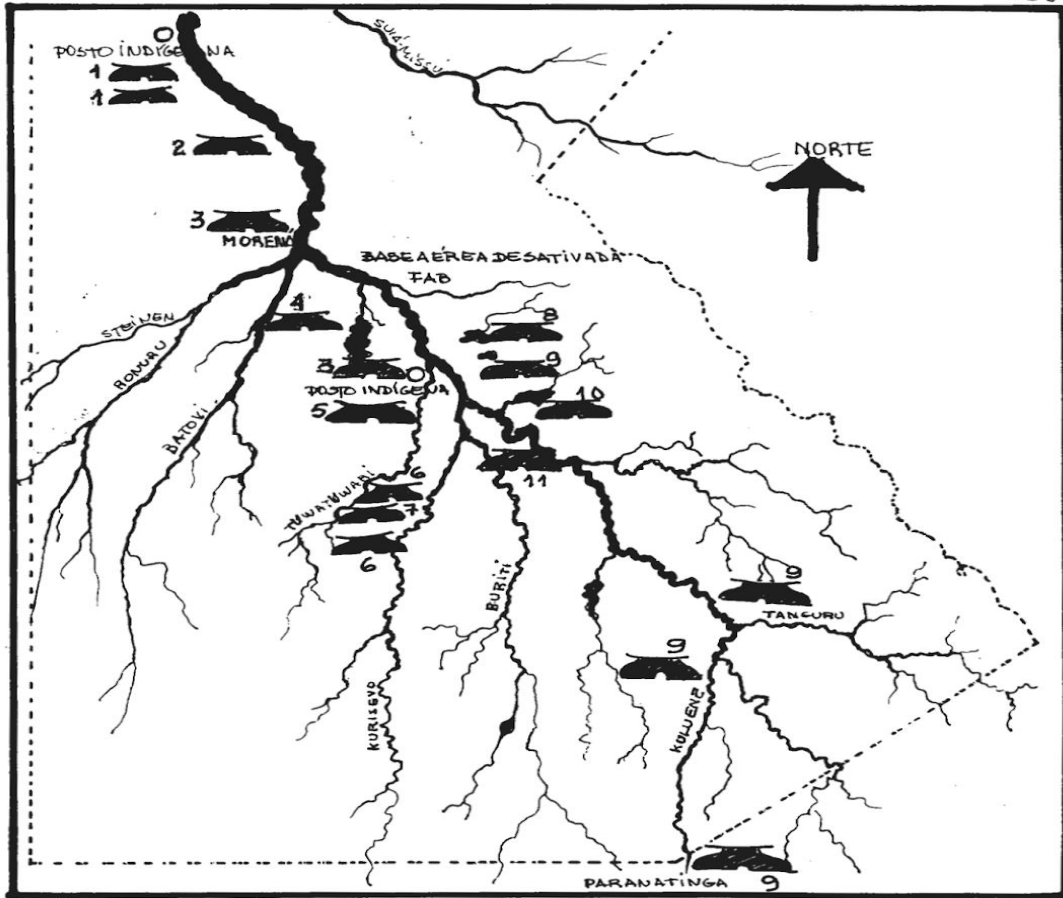
Fénelon Costa (1988), estudiosa da cultura material mehinaku e orientadora de Malhano, é tida como a primeira pesquisadora que inaugurou as discussões sobre a iconografia altoxinguana, pesquisando como se “subdivide a natureza para organizá-la em conceitos, atribui significado às coisas devido ao fato de participar de um consenso para assim agir” (Malhano 1993: 35), e se avança ao postular que “Notamos que são os termos de tal acordo que sugerem o referido consenso. A fala dos grupos em questão legitima a organização dos dados que o citado acordo determina. Parece que a situação enreda, também, em sua trama, um sentido coercitivo” (Malhano 1993: 35).

Para uma mais completa descrição, visa-se, além de uma consciência vertical, a ativa participação de um panorama horizontal dos dados, assim cumprindo os princípios etnossintáticos. Vale-se apontar que as condições que geram coerência no acordo linguístico das sociedades altoxinguanas não podem ser restritas em âmbitos superestruturais (lexicais), mas sim morfogramaticais.

Ocorrem frequentes estudos das concepções de tempo e da história através da morfologia da linguagem. Alguns autores insistem, inclusive, na “aderência” de tais concepções à morfologia da linguagem em questão. A maneira como o alto-xingano sente as condições e exigência de sua vida diária é revelada na maneira de falar. É revelada na linguagem e nas formas de comportamento. (Malhano 1993: 34)

Desde o primeiro registro antropológico do Xingu, com Steinen (1886), passando por Laraia (1970) e Malhano (1993), reitera-se que há um núcleo-mitológico¹¹ unificante entre os povos desde a confluência dos rios Kurisevo-Kuluene/Botoví-Ronuro (Figura 2).

¹¹ Saliento que ao escrever de mito refiro-me ao sentido teleológico de explicações das origens e da natureza (ontológica) do que se existe.



MAPA 9-LOCALIZAÇÃO DOS GRS IND. ALTO XINGUANOS EM 1991

Apud anotações próprias 1991.

- 1- IKPENG-TSHIKÃO
- 2- TRUMAI
- 3- KAMAYURÁ
- 4- WAUZRÁ
- 5- YAWALAPÍTI

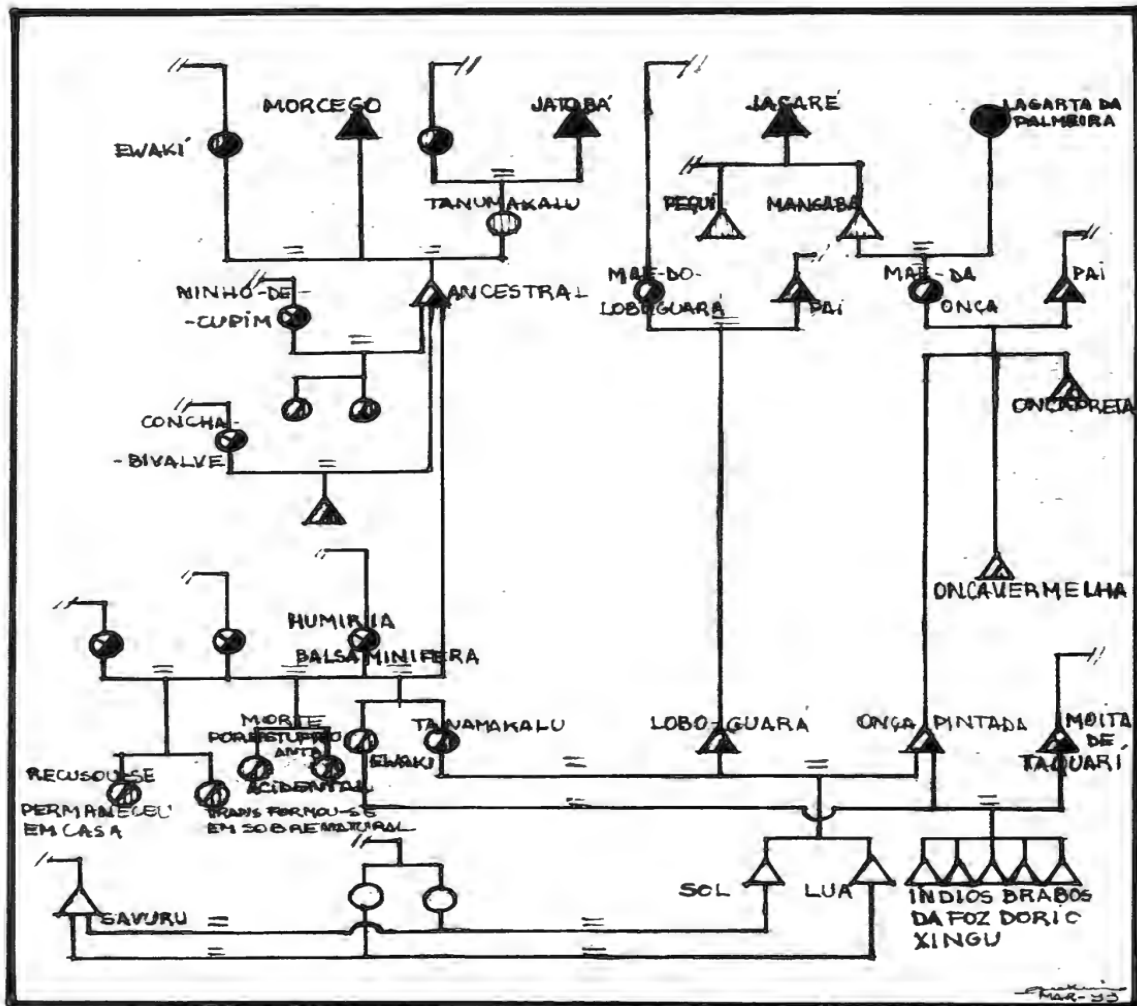
- 6- MEHINÁKU
- 7- AWETI
- 8- ZAGAMT-NAHUKWÁ
- 9- KALAPALO
- 10- WAGIFITTI-MATIPÚ
- 11- KUÏKUÇÓ

Figura 2. (Fonte: Malhano 1993: 505)

Segundo Malhano (1993: 15) tais desdobramentos e diferenciações do saber mitológico original orientam a experiência estética e ética do mecanismo de manutenção e atualização constante desse mesmo saber.

Conduzindo muito das intersecções culturais de cada língua da região, há os pontos comuns da narrativa sobre os Gêmeos-astrais que batalham pelo cosmos, além da origem classificatória de parentesco original da natureza (vegetal, arbórea, mineral, animal, aquática e aérea). Veja na Figura 3 um breve resumo de como partindo do Sol e da Lua, irmãos gêmeos, derivam-se genealogicamente um cosmos altamente povoado dessa era ancestral que iniciou nossa era.

REFERENCIAL ICONOGRÁFICO



GENEALOGIA DO ALTOXINGUANO

- CRIAÇÃO
- ▣ CONSORTE, GERAÇÃO NÃO-IDENT.
- ▢ 1ª GERAÇÃO, POVOAMENTO
- ▣ 2ª GERAÇÃO, CONQUISTA
- ▤ 3ª GERAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO
- ▥ 4ª GERAÇÃO, CONSOLIDAÇÃO
- ▣ MATÉRIA-PRIMA ORGÂNICA

Figura 3. (Fonte: Malhano 1993: 496)

Como um exercício e exemplo, tomemos a condição temporal, altamente relevante nas categorias gramaticais. Segundo Malhano, há uma percepção progressiva do que denominaríamos “tempo” estrutural, mas este funcionaria por um mecanismo orgânico de circularidade helicoidal (Figura 3).

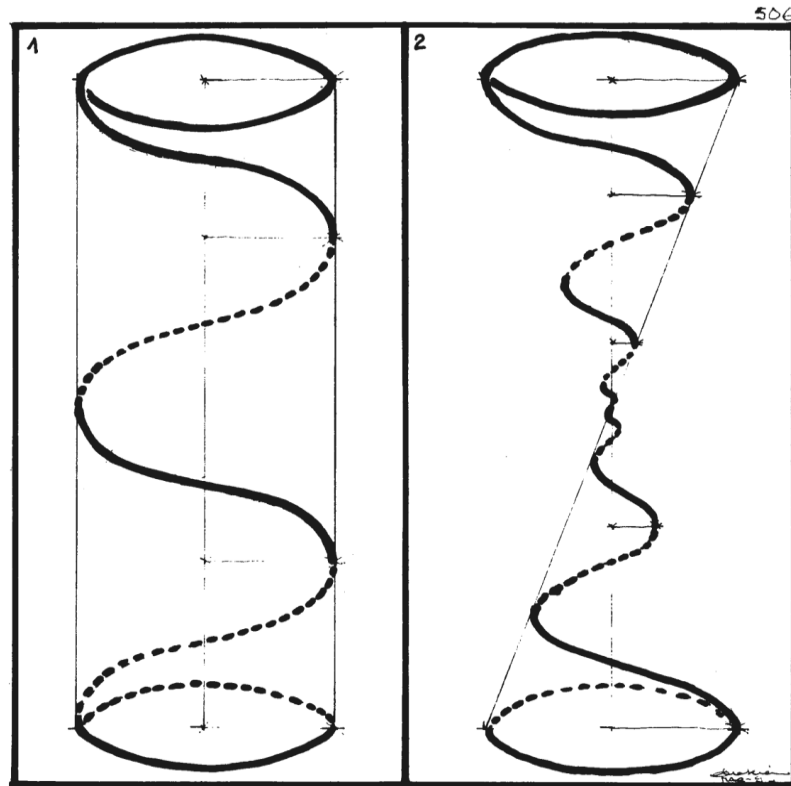


FIG.1
HELICOIDE DE REVOLUÇÃO

FIG.2
ESPIRAL DE REVOLUÇÃO

Figura 4. (Fonte: Malhano 1993: 506)

Um reflexo nítido desta ética para a estética altoxinguana se revelaria no formato da organização da aldeia, também circular, mas nunca estática. Tal circularidade é o eco da eterna dinâmica do não-encerramento dos eventos-coisa que nesta acontecem. Malhano escreve:

O mundo alto-xinguano não é mono nem bidimensional. Ao contrário, o mundo alto-xinguano é pluridimensional. Portanto, a circunferência não é ilimitada, nem o círculo indefinido. Isso significa, para nós, que a realidade alta-xinguana tem outras dimensões. Configura-se, aí, uma metáfora geométrica. A geometria espacial é tridimensional. A geometria temporal é pluridimensional. (Malhano 1993: 283)

Tal realidade descrita, pelo processo etnossintático deve estar ecoada no aparato e inventário léxico-morfossintático para dispor os eventos-coisas.

Quando um de dois eventos não-contemporâneos contém os fundamentos do outro, o "um" deve ser considerado antecedente. O "outro" é consequente. O estado anterior da existência alto-xinguana — a existência mitológica — contém os fundamentos para sua existência posterior, qual seja, sua existência atual, histórica. Uma relação de causa— efeito é uma relação temporal. Depende das considerações temporais. Uma causa é um evento precedente e contínuo a outro. Todos os eventos semelhantes ao primeiro mantêm relações similares de procedência e continuidade com os eventos semelhantes ao segundo. A verdadeira duração dos eventos é dada pelo lapso de tempo absoluto. (Malhano 1993: 16)

Aqui abro minhas indagações sobre o impacto das realidades etnográficas. Há em nossas categorias gramaticais de herança cartesiana capacidade para descrever tais processos? Os principados de tempo, aspecto e modo verbal, partindo de outra “metafísica”, possuem ferramentas metalinguísticas para cartografar a “espiralidade helicoidal”? Ou mesmo a dura cisão entre o reino estático e imóvel das coisas (substantivas e nominais) e o reino dinâmico

do movimento (verbal), teria como ressoar na complexidade de uma realidade que precisa ser vista *a priori* livre do pressuposto de ecoar o europeu?

Em 2014, Makaulaka Awetí, indígena do povo mehinaku, escreveu sua dissertação de mestrado em linguística com uma descrição preliminar das classes de palavras de sua língua, focalizando a classe nominal. Corbera Mori (2005, 2007, 2011) abriu caminhos pelas descrições e análises dos desdobramentos, também da classe nominal além da fonológica. E a mais completa obra gramatical a respeito da língua dos *Imiehünaku* vem da tese de doutorado defendida por Felipe (2020) esmiuçando a morfossintaxe e fonologia e avançando na análise da classe verbal.

É de uma contribuição imensurável as discussões abertas por Felipe (2020), o registro e a divulgação da língua mehinaku na academia. O que neste artigo se propõe, mais do que um revisionismo, é considerar como a etnossintaxe pode estender nossa percepção etnográfica e iniciar o giro decolonial dos saberes.

3. Classificadores nominais de forma, substância e consistência

Considerando Haspelmath (2007), que critica a capacidade de uma categoria abranger a plena realidade de uma função morfológica que preconiza sua nomenclatura, que devemos entender as categorias de classificadoras enquanto uma modificação do nome (Felipe 2020: 291). O antropólogo Viveiros de Castro (1977) descrevendo o mesmo fenômeno chamado por Awetí (2014); Corbera Mori (2007); Felipe (2020) de classificadores, o denomina de modificadores. Segundo ele, esse é um traço presente em praticamente todas as línguas/culturas altoxinguanas tradicionais (sendo citados nominalmente: kalapalo, kamayurá, kuikuro, mehinaku), servindo de padrão identitário de sua região. Malhano (1993) comentando essa afirmação de Castro, escreve: “Os referidos indicadores definem as formas culturalmente reconhecidas de relação entre conceito geral e indivíduos classificados” (Malhano 1993: 228), e aqui adicionamos, não apenas indivíduos classificados. Pouco depois sumariza ao escrever: “Acredita o autor que o */eidos/* dos alto-xinguanos se encontra apoiado na diferença contínua entre arquétipo e atualização” (Malhano 1993: 228).

Fénelon Costa (1988), comentando sobre a interação cultural ética/estética mehinaku, afirma que não somente na expressão linguística o sistema de agrupamentos classificatórios/modificativos se projeta na expressão e experiência da realidade. Um processo constante de manutenção de um ponto para o outro é dado no *modus operandi* e *modus viventi*. Malhano ainda escreve:

Consideramos relevante a utilidade de uma interpretação do sentido geral dos modificadores. A existência de tal aspecto estrutural em todas as línguas alto-xinguanas é um recurso classificatório que nos permite avaliar as linhas-mestras de pensamento estético e do pensamento ético alto-xinguanos. O exame de alguns indicadores entre os grupos Tupi, Karibe e Aruak, nos leva a perceber a difusão de um certo esquema classificatório, com variações específicas para cada língua. As especificidades do esquema possuem certa autonomia, indicando a recorrência a uma cultura comum na região. Classificando um fenômeno, o altoxinguano procede a distinções decisivas de grau e, até, de natureza. (Malhano 1993: 227)

Awetí (2014) e Corbera Mori (2005, 2007, 2011, 2012) descrevem o processo de classificação nominal em mehinaku por meio de sufixos, e ambos descrevem nove destes. Na literatura de Corbera Mori (2005, 2007, 2011, 2012) há: {-*tari*} ‘esférico, redondo’, {-*tî*} ‘semente, forma cilíndrica’, {-*pana*} ‘foliforme’, {-*pi*} ‘linear’, {-*ja*} ‘líquido’, {-*pe*} ‘massa’, {-*kana*} ‘côncavo’, e {-*ka*} ‘plano’, {-*piku*} ‘espaço’. Já para Awetí (2014: 74) foi descrito: {-*tapa*} ‘em formato de cacho, ramificado, volumoso’, {-*taku*} ‘superfície plana’, {-*ka*} ‘superfície larga’, também descreveu {-*pi*}, mas expandindo-a para ‘curvilínea, linear, saliente’, assim como {-*tî*} que foi expandida para “semente, ou conteúdo de algo ou alguém”,

{-pe} ampliou-se para “pastosa, cremosa, macia”, {-kana}, {-pana} e {-ja} se mantiveram intactas. Ainda em 2014 outras duas classes de modificadores foram adicionadas: {-mepe} ‘amontoado’ e {-pi} ‘grande e redondo’ (Cabral et al, 2014). Segue logo abaixo a Tabela 3 montada a partir das outras oito categorias descritas por Felipe (2020) em sua tese: {-taku}, {-penu}, {-naku}, {-napu}, {-típa}, {-kumã}, {-naĩ}, {-peku},

Tabela 3. (Fonte: Felipe 2020: 292)

Classificadores	Característica semântica	
-pi	‘linear’	Caracteriza elementos cuja forma é linear
-ja	‘líquido’	Caracteriza elementos líquidos
-ti	‘semente’	Caracteriza sementes e conteúdo que emana de algo ou alguém
-pe	‘massa’	Caracteriza elementos pastosos ou massivos
-pi	‘grande e redondo’	Caracteriza elementos grandes e arredondados
-ka	‘largo’	Caracteriza elementos cuja superfície é larga
-taku	‘plano’	Caracteriza elementos cuja superfície é plana
-tari	‘redondo’	Caracteriza elementos cuja forma é arredondada
-tapa	‘volumoso’	Caracteriza elementos em forma de cacho ou volumosos
-kana	‘côncavo’	Caracteriza elementos côncavos
-penu	‘por cima’	Caracteriza a parte de cima de um elemento
-piku	‘espaço’	Caracteriza espaço ou lugar de algo
-mepe	‘amontoado’	Caracteriza elementos amontoados e salientes
-naku	‘interno’	Caracteriza elementos internos do corpo
-napu	‘cilíndrico’	Caracteriza elementos cuja forma é cilíndrica
-pana	‘foliforme’	Caracteriza elementos que se assemelham a folhas de árvores
-típa	‘idade’	Caracteriza a aparência física de seres humanos em termos de idade/estágio da vida
-kumã	‘prototípico’	Caracteriza elementos que são mais ou menos prototípicos de um grupo
-naĩ	‘roupa’	Caracteriza elementos emprestados que podem ser usados no corpo como objetos pessoais
-peku	‘grande’	Caracteriza elementos grandes

Segue logo abaixo algumas descrições coletadas por Awetí (2014: 75; 77) para exemplificar o uso desses elementos na construção morfológica.

(1) <i>ata-tapá</i> árvore-CL.CACHO 'raiz de árvore'	(5) <i>ata-kana</i> árvore-CL.CÔNCAVO 'canoa de tábua'
(2) <i>panana-tapá</i> banana-CL.CACHO 'cacho de banana'	(6) <i>amiina-kana</i> frio-CL.CÔNCAVO 'roupa de frio'
(3) <i>ãhã-kaná</i> algo-CL.CÔNCAVO 'coisa côncava'	(7) <i>ata-pana-kana</i> árvore-folha-CL.CÔNCAVO 'caixa de papelão'
(4) <i>kujũ-tapa-i</i> tipo de cesto-CL.CACHO-ABS 'saco escrotal'	(8) <i>ãhã-tapá</i> ser.genérico-CL.CACHO 'algo/pessoa volumosa'

O princípio de agrupador morfológico que indica a etnografia das ordens materiais não é de exclusividade da língua mehinaku. Entretanto, faz-se necessário reforçar que qualquer semelhança entre a raiz de uma árvore, um cacho de banana e um saco escrotal passariam despercebidos para a compreensão “natural” expressa na língua portuguesa brasileira, o que na língua mehinaku se agrupam em um único princípio idealizador pelo modificador *-tapá*. Tal qual, a relação entre a raiz de uma árvore, uma canoa de tábua e uma caixa de papelão unidos pelo radical *ata* são reunidos sob um campo lexical e semântico com grande distanciamento do campo lexical e semântico de suas traduções.

Agora, é importante explorar o modo de expressão de graus de substância, consistência, forma ou função do papel da classificação/modificação nominal. Felipe, por exemplo, indica o classificador $\{-ti\}$, derivado do nome *ti*, traduzido como semente e também pênis, como um dos mais proeminentes da língua mehinaku (2020: 294). Isso pelo seu campo semântico, enquanto classificador, pode abarcar formato, tamanho e até o princípio funcional da semente.

A seguir estão as descrições apresentadas em Felipe (2020: 294, 295) e Aweti (2014: 79, 80, 85).

Aweti (2014) subdividiu seus nove classificadores nominais entre forma (*-tapa*, *-taku*, *-ka*, *-pi*, *-ti*, *-kana*, *-pana*) e consistência (*-ja*, *-pe*). Felipe (2020) alastrou as subcategorias para além da substância e sua contenção descrevendo os classificadores atuando na ordem semântica de suas funções dos nomes classificados. Descrições como *-piku* (indicando um local específico do nome classificado), *-naku* (indicando a internalidade do nome descrito), *-penu* (indicando que o nome está na parte de cima). Descrições apresentadas em Felipe (2020: 300, 302).

(22) <i>maiki-piku</i> milho-CLF.ESPACIAL 'milharal'	(25) <i>pai=naku=pai natu</i> Casa=dentro=IPFV 1SG 'eu estou em casa'
(23) <i>munu-piku</i> cupim-CLF.ESPACIAL 'cupinzeiro'	(26) <i>pi=kitsapa-penu</i> 2SG=pé-CLF.POR.CIMA 'teu dorso do pé'
(24) <i>pi=tsiu=naku-ti</i>	(27) <i>şepi i=penu=itsa=pai</i> rede 3=CLF.POR.CIMA=LOC=IPFV

(9) <i>nu=kana-ti</i> 1SG=boca-CLF.SEMENTE 'minha boca'	(15) <i>mepe-ti</i> peixinho-CL.SEMENTE 'peixinho'
(10) <i>tulu-ti</i> orelha-CLF.SEMENTE-N.POSS. 'brinco'	(16) <i>kupa-ti</i> peixe-CL.SEMENTE 'peixe'
(11) <i>hi-ti</i> seio-CLF.SEMENTE 'mamilo ou seio bem pequeno'	(17) <i>kupiža-ti</i> gavião-CL.SEMENTE 'pássaro/passarinho'
(12) <i>ata-ti</i> árvore-CLF.SEMENTE 'casca de árvore ou pauzinho, pedaço de pau pequeno'	(18) <i>enu-tu-ti</i> em.cima-quebrado-CL.SEMENTE 'granizo'
(13) <i>nu-kalu-ti</i> 1-lágrima-CL.SEMENTE 'minha lágrima'	(20) <i>ni-ješe-ti</i> 1-nádega-CL.SEMENTE 'minha nádega'
(14) <i>nu-piža-ti-ža</i> 1-pulga-CL.SEMENTE-MDN 'minha pulga'	(21) <i>i-ti</i> 3=CLF.SEMENTE 'pênis dele'
2SG=cabeça=CLF.INTERNO- CLF.SEMENTE 'teu cérebro'	<i>jamuku-hi</i> criança-GEN 'o menino está em cima do banco'

Tal classificação, ou modificação, não é agrupada unicamente por percepções mórficas dos entes classificados. Nota-se uma mescla, nos dados acima, das classes adverbiais e nominais ao afixar compreensões espaciais/locativas em nomes, e em uma mesma categoria que classifica consistência e substância.

Entre a amplitude semântica dessa categoria morfológica, dois dos mais notáveis modificadores do acervo gramatical mehinaku são {-*kumã*} e {-*kuma*}. A proeminência desses classificadores nominais na reconstrução etnográfica do cosmos para os *imiehünaku* ainda está pouco abordada na literatura antropológica e linguística. Felipe (2020) propõe que tais partículas expressem a hierarquização do signo nominado em relação a sua proximidade de seu arquétipo ideal. Como o protótipo ideal que gera a referência de identificação.

No sufixo {-*kumã*} seriam demonstrados os entes mais arquetípicos, próximos do ideal, e assim traduzidos comumente para “o maior x”, ou até mesmo como Viveiros de Castro (2014: 28) analisando os yawalapiti indica, “equivalente sobrenatural”. Tal categoria se revela especialmente no gênero discursivo mitológico para denominar as personagens animais, vegetais, minerais e humanos. O aspecto de grandeza optado nas traduções de {-*kumã*} não se referem unicamente a dimensões, mas especialmente a condições relacionadas à natureza ontológica. Segue aqui algumas descrições apresentadas por Felipe (2020: 304):

(28) <i>pahi-kumã</i> macaco-CLF.PROTOTÍPICO 'macaco mitológico ou gorila, chimpanzé, macacos muito grandes'	(30) <i>ipiu-kumã</i> tartaruga-CLF.PROTOTÍPICO 'tartaruga mitológica ou muito grande'
(29) <i>ui-tfumã</i> cobra-CLF.PROTOTÍPICO 'cobra mitológica ou muito grande'	

Quanto ao uso de {-kuma}, pode se explicar como o hipônimo do hiperônimo {-kumã}. A atualização do arquétipo em algo menos “perfeito”. Tal classificador é dado especialmente para definir elementos alienígenas à cultura e realidade mehinaku inseridas pelo mundo branco que cada vez mais converge com as aldeias. Notem nas descrições a seguir em Felipe (2020: 304)

(31) <i>arau-kuma</i> espécie.de.ave- CLF.MENOS.PROTOTÍPICO 'galinha/frango'	(33) <i>ajama-kuma</i> veado-CLF.MENOS.PROTOTÍPICO 'boi/vaca'
(32) <i>awajulu-kuma</i> raposa-CLF.MENOS.PROTOTÍPICO 'cachorro'	(34) <i>kapulu-kuma=taku</i> bugio- CLF.MENOS.PROTOTÍPICO=CLF.PLANO 'nota de 20 reais (que contém um mico- leão-dourado estampado)'

Cada língua por meio de sua economia e autonomia gramatical traz potências e especificações únicas em seu acervo lexical no processo semântico da própria gramática enquanto organização lógica. A literatura do antropólogo Gregor (1982) muito pode acrescentar aos dados e suas interpretações.

O significado do espaço, assim como a forma e localização das coisas, interessa especialmente os Mehináku. Obviamente, esse interesse se evidencia em sua própria língua, na qual os substantivos refletem a forma dos objetos, e alguns verbos devem ser modificados para indicar a distância entre aquele que fala e o evento. Os substantivos, por exemplo, são muitas vezes etiquetados como indicadores de forma. Coisas côncavas - como cestas, e mesmo a aldeia como um todo - levam um morfema (-yaku) que as classifica como diferentes das coisas maciças. Objetos lineares - cipós, gravatas, fios de algodão, bancos e cordas - levam um morfema (-pi) que denota linearidade. Em qualquer língua há maneiras de expressar essas distinções espaciais, mas entre os Mehináku elas não são optativas. São exigidas pela gramática. Simplesmente não existe maneira de falar de cipós (*impi*) sem classificá-los relativamente a outras coisas lineares que levam o mesmo indicador de forma (-pi). (Gregor 1982: 34)

Independentemente do não uso de outras vogais além daquelas comuns ao alfabeto do Inglês, língua materna de Gregor, as discussões podem ser muito enriquecidas pelos dados apresentados pelo autor. O antropólogo, comentando o ponto de distinção entre a descrição e a atuação sobre o mundo material, escreve:

Entre os Mehináku, o significado do espaço e da forma aparece não somente na língua, mas também nas atividades e comportamentos de todos os dias. Vejamos o assunto de arte e motivo. Os Mehináku contam com um limitado repertório de motivos (*yana*), que reproduzem em uma extensa variedade de campos: o corpo humano, cestas, bancos e postes das casas. Um dos motivos mais populares, derivado da forma do peixe *kulapei* (pacu), é usado para decorar as bases das vasilhas de cerâmica, as máscaras dos espíritos

e até as pernas das mulheres. Motivos como o *kulapei yana* são cuidadosamente aplicados e sujeitos a críticas se mal feitos. Não se trata de meros embelezamentos ou ornamentações; eles se tomam parte intrínseca do objeto que é decorado. Os desenhos, aplicados ao cabelo de um homem, a seu torso, costas ou pernas, por exemplo, identificam a posição social desse homem e expressam suas disposições pessoais. Em certo sentido, o motivo faz dele uma pessoa social. (Gregor 1982: 35)

Há na argumentação sobre sua percepção dos padrões visuais de Gregor um importante diálogo entre dados linguísticos e atos sociais, traçando caminhos de se ler a realidade etnografada pela linguagem e a linguagem pela realidade etnografada.

Outros desdobramentos importantes são as contribuições de Castro (1977). Este autor, em um estudo exaustivo sobre os yawalapiti (Arawak) é apontado que uma característica altoxinguana é sua forte ligação estética e ética entre o arquétipo e sua atualização. O que significa que o processo de classificação nominal por meio de sufixos poderia ser um fenômeno não de especificação, mas de constante aproximação e atualização do radical, tendo seu ponto mais explícito em {-*kumã/-kuma*}.

Há ocasiões em que a alteridade da natureza se opõe ao exemplar adequado ao tipo ideal. Essa oposição ocorre da mesma maneira que algo monstruoso se opõe à realidade, a algo verdadeiro. Outras ocasiões oferecem a oportunidade dessa mesma alteridade da natureza se realizar como modelo mítico, que é, por oposição ao exemplar mais parecido com o tipo ideal, o tipo existente. A compreensão exige que consideremos as devidas posições e oposições indicadas no sistema geral de classificação. (Malhano 1993: 231)

Essa percepção se expande para o entendimento de corpo. É na língua e por meio dela que as maleabilidades e inflexibilidades conceituais naturais da língua sobre a representação da realidade se expressam. Todavia, não se pode perder de vista que falar de língua é falar de corpo. A dicotomização cartesiana entre o tempo e o espaço, assim como a platônica entre corpo e alma, são instrumentos da colonização sobre os povos invadidos. Para tanto, afirmar intersecções entre a estética verbal e a estética corporal, por trás de um princípio unificador único, deve causar pouca surpresa. Pensar a classificação/modificação nominal sufixal atuando como estetização de um núcleo mostra um processo comum na práxis altoxinguana geral, não “propriamente” linguística. Em Malhano (1993), o corpo altoxinguano oscila em uma construção estética de funções biológicas e sociais, com sua plenitude nesse espaço intermédio.

O corpo humano introjeta a estética que o produz, e a reproduz “na flor-da-pele”, em variado desenho geométrico. Uma peculiaridade do Alto-Xingu. Abre-se, então, fora de toda a realidade, o campo da concepção estética. Aí, o alto-xinguano amplia e reproduz como tal, as diferentes características anatómicas e comportamentais do organismo humano. (Malhano 1993: 23)

Mais à frente, tal reflexão será importante para a discussão do léxico corporal da língua mehinaku.

4. Reconfigurações semânticas do termo e morfema *típa/típe*

Gregor (1982: 250), ao descrever mais sobre as relações de parentesco e suas expressões linguísticas, denota *epenewaja* que significa os parentes verdadeiros da própria geração, *epenehatāi* quando se é “pouco” parente também da própria geração, *peneri* para parentes fictícios e *neunehete* para quem não há nenhum vínculo. Todavia, durante parte da explanação deste assunto é dito:

O principal método Mehináku para explicar por que duas pessoas estão relacionadas é o fato biológico da procriação. As pessoas estão relacionadas com seus pais porque foram “feitas” (*utumapai*) por eles. Elas são relacionadas com seus siblings porque são “do mesmo umbigo”, isto é, feitas pelo mesmo pai e pela mesma mãe. Primos e parentes mais distantes são parentela, porque tiveram pais ou avós que eram

siblings. Dois indivíduos distantemente relacionados, que não podem traçar precisamente as conexões genealógicas que os unem, poderão dizer "nossos avós eram um grupo" (*tipa*). A palavra *tipa* refere-se a um grupo ou conjunto de coisas que tem uma aparência ou origem semelhante, tal como penas do mesmo pássaro. A base para a similaridade dos avós na frase citada é a de que eles estavam relacionados de perto ou "feitos" pelos mesmos pais no ato de relações sexuais. (Gregor 1982: 249)

A palavra *tipa* usada por Gregor (1982) está presente com essa mesma grafia nos léxicos descritos por alguns linguistas: Felipe (2020: 155, 274), traduz *tipa* como 'pedra'. Corbera Mori (2012: 223), escrevendo sobre a língua wauja, descreve *tipa* também como 'pedra'. Carvalho (2016), em sua tipologia entre falantes de mehinaku e yawalapiti, igualmente escreve *tipa* como 'pedra'.

Porém, na mesma página de onde o último excerto de Gregor foi tirado, nota-se um erro na grafia da palavra *ti* descrevendo-a como *Ite*, que pelo contexto de uso descrito e tradução proposta tem a maior possibilidade de ser palavra *iti* (semente dele). O que abre precedentes para acreditar que possa haver uma divergência na grafia de *tipa*, pode-se assumir a possibilidade de Gregor estar se referindo ao sufixo de pluralização {-*tipe*}, que tem maior coerência com a descrição do antropólogo. Note a tabela a seguir:

Tabela 4. (Fonte: De Felipe 2020: 279)

		Traços:	Grupo a que se referem:
Plural	= <i>nau</i>	[+humano] [+animado]	Seres humanos
	- <i>tipe</i>	[-humano] [+/-animado]	Animais em geral e alguns objetos muito próximos de seres animados
Coletivo	- <i>pihi</i>	[-humano] [+animado]	Animais em geral
	= <i>taku</i>	[-humano] [-animado]	Plantas

Todavia, a divergência dos dados antropológicos e linguísticos de Gregor devem ser harmonizados. Em Gregor (1982: 249) *tipa* foi aplicado a humanos na frase: ““nossos avós eram um grupo’ (*tipa*)”, e o significado desse termo se estenderia a “um grupo ou conjunto de coisas que tem uma aparência ou origem semelhante, tal como penas do mesmo pássaro”.

A divisão dos traços semânticos [+/- humanos, +/- animados] em pesquisas etnossintáticas remonta à pesquisa de Braggio (2011) com os inalienáveis em Akwén. Para Braggio, tais traços não contemplariam os princípios etnográficos da lógica e língua Xerente. Tomando a mitologia altoxinguana como base descrita por Malhano (1993) e Felipe (2020) a compreensão dos limites do traço [+/- humano] é completamente discutível. Vegetais, plantas, animais partilham de traços antropomórficos que fazem parte da realidade cotidiana desses mesmos elementos em seres humanos e outros-que-humanos¹² entre os falantes de mehinaku. Isso torna possível, ou no mínimo ponderável o uso do traço [+/- vida] usado por Braggio (2011), abrindo precedentes para [-*tipe*] ser analisados de novas formas.

Para compreender mais sobre o campo semântico que *tipa* pode abarcar, aqui estendo um pouco do campo lexical de *tipa*:

¹² Termo “outros-que-humanos” advindo da recente literatura antropológica indigenista, como em Correia;, Velden e Rocha (2023).

(35) <i>wa'tipi</i> colar de tucum 'colar de tucum' (Felipe 2020: 111)	(38) <i>tipa=taku</i> pedra=CLF.PLANO 'pedregoso' (Felipe 2020: 155)
(36) <i>tipu'lui</i> calcanhar 'calcanhar' (Felipe 2020: 119)	(39) <i>tipe-pe</i> pedra-CLF.MASSA 'argila vermelha que serve de pintar' (Aweti 2014: 95)
(37) <i>tipihi'kana</i> buraco-CLF.CÔNCAVO 'buraco' (Felipe 2020: 120)	

O motivo organizador que parece estabelecer uma lógica de categorização material/substancial destes entes descritos parece ser aquilo que remonta noções de dureza (35, 36, 37, 38), ou tendo natureza pedral (39). Nota-se, entretanto, que há outra abertura desse campo semântico do termo *tipa*. Tal qual *pana* e *ti* que exercem funções como nomes independentes e como morfemas classificadores nominais, *tipa* funciona como classificador sufixado. Mesmo tal informação não sendo algo inusitado, surpreende é que seu uso não faz menção ao formato, material, substância em categorias “naturais”, mas aparentemente define uma essência de “maior idade”.

O classificador {-*tipa*} caracteriza os elementos que modifica em termos de idade, estando geralmente associado a nomes que remetem a faixas etárias (178)-(181) e a advérbios temporais (182). Em geral, esse classificador atribui ao nome a propriedade [+idade], no sentido de que, dentro da classe dos nomes de determinada faixa etária, aquele modificado por {-*tipa*} é o mais velho. É o caso, por exemplo, da palavra *jamuku*- ‘criança’, que, quando modificada por {-*tipa*} passa a representar o final do estágio da infância (178), bem como dos nomes *heritfa* ‘velho’ e *aripi* ‘velha’, que ao serem modificados por {-*tipa*} passam a representar o último estágio da velhice (ser idoso, ter idade bastante avançada), como em (179)-(180) (Felipe 2020: 303).

(40) <i>hekuja-tipa=wi=ku</i> antigamente-CLF.IDADE=REP=DECL <i>aunaki=ku</i> história=DECL 'antigamente, o cacique sabia a história' (Felipe 2020: 346)	<i>amunau</i> cacique	<i>utata</i> 3.saber
(41) <i>jamuku-tipa-lu</i> criança-CLF.IDADE-FEM 'menina se tornando moça' (Felipe 2020: 303)		
(42) <i>heritfa-tipa</i> velho=CLF.IDADE 'idoso' (Felipe 2020: 303)		

O impacto etnossintático sugerido nesses dados partiria do princípio da abertura semântica que o termo *tipa* alcançaria para além de sua tradução “natural”. Isso, por evocar outros tipos de afeto unindo conceitos sem pontos de conexão “lógica” para quem traduz, para assim alcançar um significado em seu uso comunitário. Sugerindo, portanto, que este termo possa ser tido como elo entre a categoria “pedra”, o conceito de maturidade e ancestralidade como algo próximo de uma pluralidade unificadora.

5. Articulação semântica do léxico corporal e segmentos ecológicos da moradia

Fénelon Costa (2014) traz uma discussão sobre de onde se originaria o modo de categorização do mundo para os falantes de mehinaku. A pesquisadora de iconografia põe em debate a perspectiva de Durkheim e Mauss (1969), que propõe que o mundo social e da socialização gera tais classificações, e Turner (1967) que parte da ideia que são os princípios fisiológicos humanos, isso é, a consciência de ser um corpo sensível criaria os parâmetros das classificações sociais.

Para aprofundar a discussão, segue algumas das descrições de Corbera Mori (2017: 61, 62), sendo o excerto das particularidades étnicas no léxico corporal.

(43) pi-ʃapi-'tiwi 2-mão-cabeça 'seu dedo da mão'	(47) pi-ʃati-pijũ-'naku 2-perna-pescoço-CL.INTERNO 'sua fossa poplítea'
(44) nu-kati-'kiri 1-perna-nariz/bico 'minha canela'	(48) i-ki-tsiu 3-pé-cabeça 'seu dedo do pé'
(45) nu-kapi-tiu-'tari 1-mão-cabeça-CL.ARREDONDADO 'meu dedo polegar'	(49) p-ĩ'wĩ-tsi 2-respiração-CL.SEMENTE 'seu coração'
(46) nu-wana-ti'pulu 1-braço-calcanhar 'meu cotovelo'	(50) hauka-'na-i bebê-casa-ABS 'placenta'

Nessa amostragem, nota-se que há um motivo comum. Fénelon Costa (2014) descreve que uma parte do *ethos* social seria regido por uma constante tensão entre as compreensões de “macrocosmos-microcosmos”, numa categoria muito distinta de como isso se trabalha na compreensão colonizadora.

A autora propõe que o léxico corporal, em vez de criar novas nomenclaturas para cada parte específica sendo descrita, é reproduzido uma “lógica” de um “corpo da parte do corpo”. A perna com um pescoço (47), calcanhar do braço (46), nariz à perna (44), cabeças aos pés e as mãos (48, 45, 43). Notamos uma outra compreensão métrica da escala “comum” sendo reproduzida. Tal ponto reforça a compreensão da segmentação etnográfica baseada em “arquétipos” e suas “atualizações” na ontoepistemologia linguística, discutida anteriormente.

Indo em direção às propostas de Turner (1967), Fénelon Costa (2014) comenta que tais relações cosmo-humanas (não excluindo a pertença humana ao cosmos) são registradas em seus processos linguísticos, além de as registrar em seus próprios corpos e no espaço.

Entre os Mehináku do Alto Xingu a nomenclatura relativa a partes da casa de moradia é idêntica àquela utilizada para partes do corpo humano e animal, o que também foi observado quanto a outros grupos indígenas da mesma área, os Matipú-Nafukuá e os Yawalapiti (observações de M.V. Fernandes Pereira e M.H. Dias Monteiro). (Fénelon Costa 2014: 81)

Malhano (1993) também escreve:

São inúmeras as referências anatômicas a partes da edificação alto-xinguana. Vários investigadores colheram dados em trabalhos de campo que sugerem identificação entre a casa de moradia e um ser biológico. Mostram que certos termos designativos de detalhes arquitetônicos e peças estruturais da construção residencial são os mesmos empregados para identificar partes do corpo humano, animal, ser

mitológico, ou ainda peças de adorno pessoal humano. Não apenas entre os alto-xinguanos, mas em vários outros grupos indígenas. (Malhano 1993: 27).

Sobre o léxico arquitetônico da moradia Corbera Mori (2017: 66) registra:

(51) pãi-tsewe casa-dente 'viga (Lit. dente da casa)'	(55) pãi-tʃa'na-ti casa-boca-CL.SEMENTE porta (Lit. boca da casa)'
(52) pãi tu'lũ-ti casa orelha-CL.SEMENTE 'brinco da casa'	(56) pãi-tʃanati-'tsa-ti casa-boca.ABS-LOC-CL.SEMENTE 'umbral de uma porta'
(53) pãi talalaka-pi casa costela-CL.LINEAR 'paredes (Lit. costelas da casa)'	(57) pãi-jãku 'sala (Lit. interior da casa)'
(54) pãi i-wana casa 3-braço 'seu braço (brochal) da casa'	

Nesta íntima terminologia é demonstrado o reflexo da íntima relação ecológica que a moradia é para os *Imiehünaku*. Tal lugar é um fenômeno ligado aos papéis sociais e biológicos que são contemplados em sua florestania. Para além de um ambiente de comunhão coletiva, existe um papel social de transformação cabível a tal lugar de convergência léxica.

Para Malhano (1993), tais associações lexicais não são restritivas a gênero, tendo assim a moradia referências masculinas e femininas, sendo um dos aspectos interessantes sua relação na gestação social dos indivíduos em seu processo de socialização. Tal compreensão é perpetrada pelo “útero”.

O jovem que se tornará homem, o adulto que se tornará pajé, a moça que se tornará mulher. Enfim, todo indivíduo marcado para ocupar sua posição social no grupo, o qual espera que desempenhe determinados papéis. Definimos papel à semelhança de Thomas Gregor (1982: 6), qual seja, uma parte da cultura que prescreve regras para conviver, uns com os outros. Trata-se de um conjunto de obrigações e privilégios reconhecidos por todos os membros da comunidade. Não são regras e/ou obrigações que ligam os atores entre si, mas sim o texto e as marcações das “deixas” para as várias entradas em cena e outras tantas saídas da mesma, para que todos os papéis correlates sejam desempenhados à vez e à hora pelos respectivos atores. Seria uma espécie de contrato firmado em função da vida social dos personagens (Erving Goffman 1959: 238-255). Os papéis são absolutamente mais importantes que os atores. Estes o são menos ainda que os personagens (Malhano 1993: 28)

Outros registros de Malhano (1993) sobre o quarto de reclusão de uma casa tradicional alto-xingwana apontam que sua denominação pode ser: *pĩtshu* (Lit. barriga em yawalapiti), *mĩrĩtsi*; *apĩi* (Lit. barriga em kamayurá), *tehú* (Lit. barriga em kuikuro).

Em sintonia com essa relação semântico-social, faz-se necessário destacar:

O *Imiehünaku* entende, sente, pensa, e vive sua moradia, seu corpo, suas interações sociais e com os entes inalienáveis de maneira distinta do pesquisador que é de uma língua capitalizada pela ciência hegemônica. A proposta do uso da terminologia corporal para a moradia deve extrapolar a mera compreensão prosopopéica, assim como diversos povos vêm se manifestando para entendimentos além de figuras de linguagem. Considerar a possibilidade de fusão da linguagem de entes animados para entes

inanimados como recurso poético ou metonímico tem levado a compreensão meramente folclorizada ou primitivizada das realidades indígenas. (Gruber 2023: 129)

Nisso, retomo as palavras de Gonzaga (2022):

O conceito de razão decolonial procura incorporar uma forma de pensar articulada no legado colonial e procura entender a Modernidade em termos da construção deste legado. A mente decolonial é uma consciência que desloca a noção da mente construída na Modernidade, reintroduzindo qualidades secundárias (emoções, paixões) e a partir desta gesta tenta reinterpretar a Modernidade e a pós-Modernidade em termos de decolonialidade. (Gonzaga 2022: 126)

Conclusão

Em suma, este artigo buscou lidar com as ciências etnológicas (antropologia, linguística, iconografia) para além das transversalidades. Partindo da história da relatividade linguística até a etnossintaxe, foi proposto focalizar em suas consequências para os dados da literatura sobre a língua mehinaku (Arawak).

Foi estendido um panorama geral a respeito das dimensões da matriz Arawak, e do contexto imediato do Alto Xingu, desde as disposições geográficas, míticas e “metafísicas”.

A luz das compreensões advindas de Gregor (1982), Malhano (1993) e Fénelon Costa (2014) em suas devidas obras, foi analisado modos de estabelecer diálogos com os dados morfossintáticos de Awetí (2014), Corbera Mori (2017) e Felipe (2020).

Começando pelos dados do sufixo classificador nominal (também denominado como modificador). A esse respeito, nota-se que tal sufixo pode causar especificações aos nomes ligados desde sua consistência, substância, formato, espacialidade, até sua natureza (ontológica). É proposto, pela etnossintaxe, lidar com esses dados como tendo graus de expressões ontoepistêmicas a respeito da natureza dos entes tratados que em muito pode diferir e influenciar seus caminhos linguísticos, seguindo a proposta de uma ordenação baseada em arquétipos e suas atualizações.

Em uma segunda instância, foram trabalhadas as possibilidades semânticas do termo e morfema *tipa/tipe*. Tomando a gramática como dotada de uma semântica própria, e levando em conta que as categorias usadas para expressar não são pré-existentes, nota-se que sua extensão alcança desde uma partícula pluralizadora, um sufixo classificador nominal relacionado à maturidade, e a nomenclatura relacionada a pedras. Para tanto, um dos questionamentos importantes é sobre o traço semântico [+/- humano] usado em descrições da língua mehinaku, e o questionamento da culturalidade da definição do que é ou não “humano”, especialmente diante dos contos míticos que os constituem. Um avanço etnossintático proposto por Braggio (2011) na língua Akwén é de propor o traço semântico [+/- vida], que replicamos na utilização da partícula pluralizadora, especialmente para alcançar consenso entre dados divergentes de Gregor (1982).

Por último, foi trabalhado a intersecção lexical entre a anatomia humana e a arquitetura de uma casa tradicional altoxinguana. Foi estabelecida uma conexão com o princípio organizador epistêmico apresentado no primeiro dos desdobramentos em mehinaku de arquétipo/atualização, no qual se demonstra uma outra dinâmica entre macrocosmos/microcosmos. Isso por conta da aparente anatomia corporal de segmentos corporais, como um “corpo da parte do corpo”. Além disto, nota-se um léxico em comum para descrição arquitetônica da moradia, cumprindo, portanto, suas funções sociais. Para isso, propõe-se buscar nesse léxico um sentido para além do figurativo prosopopéico, continuando a ideia trabalhada sobre a categoria que ultrapassa os parâmetros eurocêntricos que definem os limites da definição “humana”.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. (1999). The arawak language family. In R. M. W Dixon; Alexandra Aikhenvald Y. (eds.), *The Amazonian languages*, pp. 65-106. Cambridge University Press.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (2012). Language of the Amazon: a bird's – eye view. In Aikhenvald, Alexandra Y. (ed.), *The languages of the Amazon*, pp. 1-67. Oxford University Press.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (2018). 'Me', 'us', and 'other': Expressing the self in Arawak languages of South America, with a focus on Tariana. In Minyao Huang; Kasia M. Jaszczolt (orgs.), *Expressing the Self*, pp. 13-39. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198786658.003.0002>
- Awetí, Makaulaka Mehinaku (2014). *Uma descrição preliminar das classes de palavras da língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes* (Dissertação de mestrado em Linguística). Universidade de Brasília. Disponível em http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/20284/1/2014_MakaulakaMehinakoAwet%C3%AD.pdf
- Braggio, Sílvia Lúcia Bigonjal (2011). Os xerente akwen, os animais e as plantas: uma revisita aos inalienáveis com a semântica da gramática. *Signótica* 23(2): 439-458. <https://doi.org/10.5216/sig.v23i2.17531>
- Cabral, Ana Suelly Câmara; Kalapalo, Kaman; Awetí, Makaulaka Mehinaku; Oliveira, Sanderson; Suruí, Uraan (2014). Classificadores nominais em três línguas indígenas da Amazônia brasileira: ampliando tipologias. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 6(1): 165-193. <https://doi.org/10.26512/rbla.v6i1.21063>
- Carvalho, Fernando (2016). Diachronic labial palatalization in Xinguan Arawak. *LIAMES- Línguas Indígenas Americanas* 16(2): 349-360. <https://doi.org/10.20396/liames.v16i2.8646432>
- Corbera Mori, Angel (2005). A posse nominal em línguas Arawak do Sul e Arawak Central: uma abordagem descritiva. *Estudos linguísticos* 34: 263-268. Disponível em https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal:estudos/mori_2005_posse.pdf
- Corbera Mori, Angel (2007). Aspectos da estrutura nominal em Mehináku (Arawák). *Estudos Linguísticos* 36(1): 249-257. Disponível em https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal%3Aestudos/mori_2007_aspectos.pdf
- Corbera Mori, Angel (2011). Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua Mehináku (Arawak). In Bruna Franchetto (org.), *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*, pp. 193-216. Museu do Índio - Funai. Disponível em <https://z-lib.io/book/22889>
- Corbera Mori, Angel (2012). Waurá e Mehináku: um breve estudo comparativo. *Estudos Linguísticos* 41(1): 196-205. Disponível em <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1226>
- Corbera Mori, Angel (2017). Términos de partes del cuerpo humano en Mehinaku (Arawak). *Linguística* 33(2): 55-68. <https://doi.org/10.5935/2079-312x.20170017>
- Correia, Heloisa Helena Siqueira; Velden, Felipe Valden; Rocha, Hélio Rodrigues da (2023). *Humanos e outros-que-humanos nas narrativas amazônicas: perspectivas literárias e antropológicas sobre saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos*. Editora De Castro.
- Danielsen, Swintha; Dunn, Michael; Muysken, Pieter (2011). The spread of the Arawakan languages: A view from structural phylogenetics. In Alf Hornborg; Jonathan D. Hill (eds.), *Ethnicity in ancient Amazonia: Reconstructing past identities from archeology, linguistics, and ethnohistory*, pp. 173-196. University Press of Colorado.
- Dick, Maria Vicentina P. A. (2003). Aspectos de etnolinguística: A toponímia carioca e paulistana - contrastes e confrontos. *Revista USP* (56): 180-191. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p180-191>
- Durkheim, Émile; Mauss, Marcel (1969). *De quelques formes primitives de classification; contribution à l'étude des représentations collectives*. Minuit.

- Enfield, Nick (2002). *Ethnosyntax: Explorations in grammar and culture*. Oxford University Press
- Eriksen, Love; Danielsen, Swintha (2014). The Arawakan matrix. In Loretta O'Connor; Pieter Muyske (eds.), *The native languages of South America: origins, development, typology*, pp. 152-176. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107360105.009>
- Felipe, Paulo Henrique P. S. de (2021). *Fonologia e morfossintaxe da língua Mehináku (Arawak)* (Tese de doutorado em linguística). Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1157873>
- Fénelon Costa, Maria Heloisa (1988). *O mundo dos Mehináku e suas representações visuais*. Editora UnB/Editora UFRJ/CNPq.
- Fénelon Costa, Maria Heloisa (2014). *Arte Indígena e classificações primitivas*. Repositório online da FUNAI. Disponível em <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto17/FO-CX-17-934-89.PDF>
- Galvão, Eduardo; Simões, Mário F. (1965). Notícia sobre os índios Txikão - Alto Xingu. *Repositório Institucional do MPEG: Série Antropologia*. MPEG.
- Gonzaga, Álvaro de Azevedo (2022). *Decolonialismo indígena*. Matrioska Editora.
- Granberry, Julian; Vescelius, Gary (2004). *Languages of the Pre-Columbian Antilles*. University of Alabama Press.
- Gregor, Thomas (1982). *Mehináku: o drama da vida diária em uma aldeia do Alto Xingu*.-Brasília.
- Gruber, Gabriel. D. (2023). *Uma floresta de universos além: a decolonialidade e a etnossintaxe como dever para com as línguas indígenas* (Dissertação de mestrado em linguística), Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1342194>
- Hale, Ken L. (1966). Kinship reflections in syntax: some Australian languages. *Word* 22(1-3): 318-324. <https://doi.org/10.1080/00437956.1966.11435458>
- Hale, Ken L. (1986). Notes on world view and semantic categories: some Warlpiri examples. In Pieter Muysken; Henk van Riemsdijk (eds.), *Features and projections*, pp. 233–54. Foris.
- Haspelmath, Martin (2007). Pre-established categories don't exist: Consequences for language description and typology. *Linguistic Typology* 11(1): 119-132. <https://doi.org/10.1515/LINGTY.2007.011>
- Heidegger, Martin (2003). *A caminho da linguagem*. Editora Vozes.
- Laraia, Roque de Barros (1970). O sol e a lua na mitologia xinguana. In Claude Levi-Strauss (org.), *Mito e linguagem social, de vários autores*, pp. 107-134. Tempo Brasileiro.
- Malhano, Hamilton Botelho (1993). *Poética Alto Xinguana: a metáfora do abrigo-uma etnografia da casa* (Dissertação em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6175>
- Mignolo, Walter (2003). Os esplendores e as misérias da 'ciência': Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In Boaventura Santos de Sousa (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revistado*. Edições Afrontamento.
- Miranda, Camille Cardoso (2023). *Estudo morfológico em línguas Arawák: uma abordagem tipológica* (Tese de doutorado em linguística). Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1342902>
- Paula, Eunice Dias de (2014) *A língua dos Apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da Etnossintaxe*. Editora Curt Nimuendajú.

- Payne, David L. (1991). A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, vol. 3, pp. 355-499. Mouton de Gruyter.
- Sapir, Edward (1958). *The status of linguistics as a Science: Culture, language and personality*. University of California Press.
- Schultz, Emily (1990). *Dialogue at the margins: Whorf, Bakhtin and linguistic relativity*. The University of Wisconsin Press.
- Steinen, Karl von den (1886). *Durch Central-Brasilien*. Brockhaus.
- Turner, Victor (1967). *The forest of symbols: Ithaca*. Cornell University Press.
- Viveiros de Castro, Eduardo B. (1977). *Indivíduo e sociedade no Alto Xingu: Os Yawalapiti*. (Dissertação de mestrado em antropologia social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Acastro-1977/Castro_1977_Indiv%C3%ADduo_Sociedade_Alto_Xingu_OCR.pdf
- Viveiros de Castro, Eduardo B. (2014). *A inconstância da alma selvagem*. Editora Cosac Naify.
- Whorf, Benjamin L. (1936a). The punctual and segmentative aspects of verbs in Hopi. In John B. Carrolls (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 51-56. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1936b). An American Indian model of the universe. In John B. Carrolls (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 57-64. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1938). Some verbal categories of Hopi. In John B. Carrolls (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 112-124. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1939). The relation of habitual thought and behavior to language. In John B. Carrolls (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 134-159. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1940a). Science and Linguistics. In John B. Carrolls (ed.), *Language, Thought and Reality* (1979), pp. 207-218. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1940b). Linguistics as an exact science. In John B. Carrolls (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 220-232. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1941a). Languages and logic. In John B. Carrolls, John (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 233-245. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1941b). Language, mind, and reality. In John B. Carrolls (ed.), *Language, thought and reality* (1979), pp. 246-269. The MIT Press.
- Whorf, Benjamin L. (1979). *Language, thought and reality*. John B. Carrolls (ed.), The MIT Press.
- Wierzbicka, Anna (1979). Ethno-Syntax and the philosophy of grammar. *Studies in Language* 3(3): 313-383. <https://doi.org/10.1075/sl.3.3.03wie>
- Wierzbicka, Anna (1997). *Understanding cultures through their key words: English, Russian, Polish, German, and Japanese* (Oxford Studies in Anthropological Linguistics). Oxford University Press.

CRediT – Taxonomia de funções de colaboração acadêmica

Agradecimentos

Agradeço as sugestões dos avaliadores “pares cegos” da revista LIAMES e suas valiosas contribuições para a melhoria integral do artigo. Todo erro é de responsabilidade do autor.

Declaração de conflito de interesse

Declaro não ter conflito de interesse comercial ou de outro tipo para publicação do artigo na Revista LIAMES

Contribuição do autor/autores

Este artigo, em todas as etapas, foi feito por meio de contribuição específica do autor. Os dados usados como exemplos foram extraídos de trabalhos já publicados por autores citados no artigo.

Ética em pesquisa com seres humanos

Não se aplica

Financiamento da pesquisa

Não houve financiamento.

Recebido (1): 5/10/2023
Artigo reprovado: 11/1/2024
Nova submissão (2): 30/1/2024
Revisão 1: 27/3/2024
Revisão 2: 9/4/2024
Aceito: 14/5/2024
Publicado: 15/5/2024